



## SENADO EM CRISE

Quem deu a ordem? A ex-diretora do Prodasen diz que agiu a mando de Arruda, que representava ACM. Arruda diz que fez apenas uma consulta. ACM diz que não pediu nada. Por isso, os três vão se enfrentar cara a cara

# Três versões para o mesmo caso

**Luiz Alberto Weber**

Da equipe do Correio

**N**a próxima quinta-feira, a história contada pela ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges será confrontada com a versão dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem-partido-DF). Divergências fundamentais tornaram pouco críveis as explicações de Antonio Carlos e Arruda na Comissão de Ética do Senado — que investiga a participação de ambos na violação do painel eletrônico na cassação do mandato de Luiz Estevão. Arruda quis convencer a platéia de que não ordenou que fosse extraída uma lista com o voto de cada senador que cassou Estevão. Disse apenas que, em nome de Antonio Carlos, consultou Regina sobre a vulnerabilidade do sistema. O senador baiano nega até mesmo a consulta e diz que, se Arruda o fez, foi sem sua autorização. São versões assentadas na areia. A depender dos depoimentos dos dois senadores, Arruda entrou no gabinete de Antonio Carlos com a lista na mão, o ex-presidente do Senado agarrou o papel, fez comentários e guardou-o. Não teve o menor desejo de

saber como a lista fora produzida nem censurou Arruda ou a funcionários pela violação. As versões de Arruda e do senador baiano foram bombardeadas pelos senadores, que estranharam dois principais pontos:

- Se não encomendou a violação do painel eletrônico, por que Antonio Carlos ficou imóvel ao receber a lista? E por que não tomou providência administrativa alguma contra Regina Borges?
- Antonio Carlos alegou que não fez nada com a intenção de preservar a imagem da Casa e impedir que a cassação de Luiz Estevão fosse colocada em risco. Diante disso, os senadores perguntaram a ele por que não tomou providências nos meses seguintes contra a funcionária ou para impedir que algo semelhante voltasse a se repetir. Para os integrantes da Comissão de Ética, o ex-presidente do Senado fez vista grossa demais para quem afirma não ter tido envolvimento pessoal na fraude.

A seguir, estão as versões dos senadores para episódios importantes da trama da violação do painel. Ora o que foi afirmado por eles se aproxima da história contada por Regina. Ora se opõe frontalmente. Os trechos selecionados e aqui expostos são uma prévia da acareação desta semana:

**REGINA  
CÉLIA  
BORGES**



**ANTONIO  
CARLOS  
MAGALHÃES**



**JOSÉ  
ROBERTO  
ARRUDA**



Fotos de Carlos Moura e Jefferson Rudy

## A ORDEM

**I**A ex-diretora do Prodasen diz que foi procurada pelo senador José Roberto Arruda, que pediu a ela — em nome do senador Antonio Carlos Magalhães — a lista com os votos dos senadores que cassaram, no dia 28 de junho, o mandato do senador Luiz Estevão. Depois do encontro ocorrido na casa de Arruda, Regina teria dito, ao sair: "vou cumprir uma missão". Em seu depoimento na Comissão de Ética do Senado, a funcionária voltou a confirmar o tom de exigência feito pelo senador do DF: "cumprir ordem".

**I**As versões de Antonio Carlos e Arruda são conflitantes. "Ninguém falaria em meu nome em assunto de tamanha gravidade. E eu jamais me prestaria a fazer um pedido de tal ordem. Não pedi, nem direta nem indiretamente", disse o ex-presidente do Senado em seu depoimento no Conselho de Ética. "Meu nome foi usado sem meu consentimento e conhecimento", diz o senador baiano. "Não pedi para saber se o painel era ou não violável". Para Antonio Carlos, seu nome foi usado para coagir os demais funcionários do Prodasen a fazerem o que Regina Borges — e só ela — desejava. Antonio Carlos afirmou que Arruda não recebeu qualquer incumbência para tratar sobre o painel de votação. "Cabia-lhe (a Regina) não atender à solicitação do senador Arruda porque ela estava quebrando as regras", disse o ex-presidente do Senado, reconhecendo a gravidade do episódio.

O senador José Roberto Arruda manobra as palavras para dizer que não deu ordens a Regina para que violasse o painel. Arruda diz que fez apenas uma consulta à ex-diretora do Prodasen, num questionamento combinado com o senador Antonio Carlos Magalhães. "O senador (Antonio Carlos) está preocupado em saber se numa votação secreta vocês (funcionários do Prodasen) ficam sabendo o resultado. É isso que ele quer saber. Tem jeito?" Essa consulta, nas palavras de Arruda, teria sido feita com o consentimento de Antonio Carlos. Segundo o depoimento do senador pelo DF, o ex-presidente do Senado teria lhe dito: "Você podia perguntar para a doutora Regina como é que isso (o sistema de votação) funciona. Pergunte a ela se isso é possível, como é que isso funciona". Arruda disse na Comissão de Ética que pediu autorização a Antonio Carlos para usar seu nome. "Posso consultar a doutora Regina em seu nome?", teria perguntado Arruda ao então presidente do Senado. "Pode falar com ela em meu nome", teria respondido o senador baiano. Para o senador do DF, Regina Borges teria se precipitado diante de uma mera consulta e violado o painel.

## O TELEFONEMA

**I**Regina Borges disse que recebeu uma ligação do senador Antonio Carlos, então presidente do Senado, agradecendo-lhe pela lista. O telefonema, de fato, aconteceu e foi feito do gabinete da Presidência. De acordo com Regina, o senador baiano teria lhe dito algo como "valeu" em agradecimento. Antonio Carlos nega que tenha agradecido, mas a versão do senador baiano se contrapõe à de Arruda, que confirma que houve um agradecimento.

**I**Neste caso, a versão de Antonio Carlos é solitária. O senador baiano diz que não ligou para agradecer, mas para tranquilizar a ex-diretora do Prodasen. A ligação, de fato, ocorreu e foi feita do gabinete da Presidência do Senado, então ocupada por Antonio Carlos. "A senhora tem serviços prestados ao Senado, não fique nervosa porque a senhora não deve ter culpa", disse Antonio Carlos, em depoimento, a respeito do conteúdo da conversa telefônica que manteve com Regina Borges. "Não houve agradecimento", garante.

Em seu depoimento, Arruda afirmou que Antonio Carlos, instado por ele, ligou para ex-diretora do Prodasen, assim que recebeu a lista, para agradecer. "Recebi, está aqui, você não fez nada de errado. Quer dizer, a segurança está preservada". Foi este o conteúdo do telefonema do ex-presidente do Senado para Regina, na versão do senador do DF. "No telefonema, (Antonio Carlos) não só reconheceu que recebeu o documento como a parabenizou pela segurança do sistema", relatou Arruda. "Parabéns", teria sido, nas lembranças de Arruda, o teor do telefonema de Antonio Carlos para a ex-diretora do Prodasen.

## A LISTA

**I**Uma vez impressa a lista, a ex-diretora do Prodasen entregou-a a Domingos Lamoglia, assessor de Arruda. Segundo ela, tanto Arruda quanto Antonio Carlos sabiam que a lista era produto de uma fraude — a violação do sistema —, e que continha os votos, que deveriam ser secretos, dos senadores que cassaram Luiz Estevão.

**I**Antonio Carlos disse que não havia cabimento em receber a lista com os votos secretos, uma vez que não a havia pedido. "Se não pedi, por que seria entregue a mim?", pesquisou durante o depoimento. O fato, porém, é que a lista foi realmente entregue a ele. "Era uma lista não oficial, sem qualquer identificação, que poderia até não ser verdadeira", disse ele a respeito da listagem. Mas, se não tivesse segurança de que se tratava da lista verdadeira (afinal, o senador sabia que o documento entregue a ele pelo então líder do governo, José Roberto Arruda, tinha sido obtido pela ex-diretora do Prodasen), Antonio Carlos não teria ficado com ela.

"Puxa, é assim que as coisas ocorrem?". Foi essa, segundo Arruda, sua reação quando recebeu a lista com a relação dos votos que cassaram o mandato de Luiz Estevão. Arruda disse, em depoimento, que a reação tanto dele quanto do ex-presidente do Senado fora de curiosidade. Disse que se surpreendeu quando a lista lhe foi entregue.

## DEPOIS DA FRAUDE

**I**A ex-diretora do Prodasen teve dois encontros com o senador Antonio Carlos. Em nenhum momento, diz ela, foi reprimida, censurada ou admoestada pelo senador baiano. Um dos encontros foi na casa de uma secretária do ex-presidente do Senado. O senador diz que, nesse encontro, só falou do assunto painel "de raspão". Na versão do senador baiano, ele teria se deslocado até a casa de uma secretária sua para falar com Regina sobre uma suposta perseguição aos funcionários do Prodasen (perseguição essa que não tinha relação com a violação do painel). Ou seja, um assunto banal para um ex-presidente do Senado. Entretanto, em seu próprio depoimento, Antonio Carlos disse que só se encontrava com a ex-diretora do Prodasen quando o assunto era sério. "Ela só se reportava a mim quando havia motivos mais graves, mais sérios", disse ele na Comissão de Ética.

**I**"Por que não tomei providências diante de uma lista conseguida de modo irregular (Antonio Carlos reconhece, nesta passagem, a veracidade da lista, fato que coloca em dúvida sua declaração anterior de que a lista pudesse ser falsa)". Disse que achou que seria pior para o Senado abrir investigações sobre a fraude no painel. "Isso provocaria dúvidas sobre a lisura de uma votação correta que cassou o mandato de um senador (Luiz Estevão)", disse. O senador baiano diz que não a parabenizou: "Eu não lhe dei (a Regina) uma palavra de solidariedade", afirmou. "Dei uma palavra de conforto, mas não de solidariedade", disse o senador, que, quando pressionado pelos parlamentares da Comissão de Ética por conta de seu comportamento passivo no episódio, acrescenta uma nova versão: "Eu pude fazer alguma admoestação (reprenda leve), mas não quis demiti-la... Tive que relevar um pouco o erro da dona Regina pela fragilidade do seu céu".

Arruda confirma os encontros que manteve com Regina Borges depois da divulgação das primeiras notícias dando conta de que o painel havia sido violado. Mas nega o teor das conversas. Regina disse que ele, Arruda, teria ordenado a ela ficar em silêncio "até sob tortura".